

Rubem  
Braga

## “Só envelhece quem quer”

MEU prezado Caio Miranda, “Só envelhece quem quer” é uma conversa. Para título de livro está bom, e estou certo de que venderá como pão quente. Mas o fato é que envelhecemos ambos desde aquêlo remoto ano da década dos 40 em que nos conhecemos como senhorio (você) e inquilino (eu). Depois, você foi o “Major Yoga” que dirigiu a Agência Nacional. Hoje cuida que é general e se prepara para deixar as armas e dedicar todo o seu tempo a lutar contra o mesmo, isto é, a não envelhecer.

Lembro-me de que, ao deixar seu apartamento, recebi uma conta grande de estragos a pagar — naquele tempo, depois de viver anos em uma casa, a gente pagava para sair! Quando você veio discutir comigo os itens da conta, estava, por acaso, presente, um amigo meu advogado, que habilidosamente conseguiu abater vários dêles. Mas você insistia em que tudo estava mais velho e desgastado, e insistia enèrgicamente em ser indenizado porque as cortinas estavam amareladas e os móveis meio desconjuntados — coisas assim. Expliquei-lhe, então, que isso era efeito normal do tempo e do uso; nós dois também já não éramos os mesmos, nem de corpo nem de alma; seria justo que nós envelhecêssemos e o apartamento não? Você ficou-se um instante imóvel, os olhos no vago;

depois sorriu e me bateu no ombro. Fizemos um acôrdo fácil.

É bem possível que eu, sem querer, estivesse lhe dando uma aula de *yoga*; pois estou em que um dos segredos em não envelhecer muito é não ligar demais para isso, nem para nada, e deixar-se ir levando suavemente para o Nirvana. Claro que isso não implica em entregar os pontos de uma vez. Seu livro é uma nobre lição de luta, e no fim acho que a filosofia dêle é que a gente pode envelhecer com mais saúde e menos barriga, e isso vale a pena.

Confesso que a parte mística do *yoga* não me diz nada; posso praticar o *prânali* ou a respiração profunda sem imaginar que estou absorvendo o *Prana*, energia universal, em tôdas as minha células, mas pensando simplesmente na graça do corpo da nova moradora do 601. Mas acredito no seu melado de cana (recomendo aquêle da roça, com rôlha de sabugo de milho) gosto de levedo de cerveja, de mel, de coalhada e de mexerica e de caju, e de banho de mar e até mesmo de uma golada de água de mar. Enfim, a vida simples.

O diabo são os amigos, que teimam em tomar uísque e freqüentar bares e buates fechados onde vão mulheres frívolas e falsas. Com seu livro na mão direi a êles: nada de “Juca’s” nem de “Sacha’s”, hoje vamos todos ao “Prana’s”!